

SABERES LOCAIS DE MORADORES DE MANGUE SECO, BAHIA: QUESTÕES SOCIOCULTURAIS E AMBIENTAIS

Karina Vieira **MARTINS**¹; Ayane de Souza **PAIVA**²; Rosiléia Oliveira de **ALMEIDA**³

¹ Mestre em Diversidade Animal (UFBA). Programa de Pós-Graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências (UFBA/UEFS). Instituto de Física – UFBA, *Campus* de Ondina, Salvador - BA. E-mail: karinamartins@gmail.com.

² Mestre em Educação (UFBA). Programa de Pós-Graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências (UFBA/UEFS). Instituto de Física – UFBA, *Campus* de Ondina, Salvador – BA.

³ Doutora em Educação (UNICAMP), Faculdade de Educação, Departamento de Educação II (UFBA). Av. Reitor Miguel Calmon, s/n, Canela, CEP: 40.110-100 – Salvador – BA.

Resumo: O presente estudo propôs analisar os saberes locais dos moradores de Mangue Seco nos aspectos sociais e ambientais da comunidade. A pesquisa teve caráter qualitativo, com o envolvimento dos pesquisadores em situações cotidianas no contexto investigado, privilegiando duas estratégias metodológicas: entrevistas com membros da comunidade, com base em um roteiro semiestruturado e observações participantes de práticas cotidianas que traduzem os etnoconhecimentos. Foi observado que os principais conflitos ambientais da região são a ocupação desordenada e sobre-exploração pesqueira ocasionadas pela expansão demográfica; O tráfego de veículos sobre as dunas; A destruição das restingas e das matas para a implantação de monoculturas; A contaminação do lençol freático por esgoto doméstico e a destinação inadequada de lixo. Assim, é necessário o desenvolvimento de programas ambientais de integração com os moradores da comunidade de Mangue Seco, a fim de construir uma dinâmica sustentável a partir de saberes e práticas locais.

Palavras-chave: Conservação ambiental; Etnoconhecimento; Educação ambiental.

LOCAL KNOWLEDGE OF THE RESIDENTS OF MANGUE SECO, BAHIA: SOCIAL AND ENVIRONMENTAL ASPECTS

Abstract: This study aims to analyze the local knowledge of the residents of Mangue Seco in social and environmental aspects of the community. The research was qualitative, with the involvement of researchers in everyday situations in the context investigated, focusing on two methodological strategies: interviews with community members, based on a semi-structured and participant observation of everyday practices that translate the ethnoknowledge. We note that the main environmental conflicts in the region are the disorderly occupation and fishing overexploitation caused by demographic expansion; car traffic on the dunes; the destruction of the dunes and forests for the implementation of monocultures; contamination of groundwater by domestic sewage and inadequate disposal of waste. Thus, the development of environmental integration programs with the residents of the Mangue Seco community is necessary in order to build a sustainable momentum from local knowledge and practices.

Key words: Environmental Conservation; Ethnoknowledge; Environmental education.

1 INTRODUÇÃO

O levantamento de questões socioambientais a partir de conhecimentos da comunidade traz subsídios para compreensão da relação sociedade e natureza, pois o trabalho torna-se rico de informações relevantes para uma posterior atuação na

área tanto no campo de gestão ambiental compartilhada quanto nos projetos de Educação Ambiental (PAIVA, 2009; 2010).

Entender o comportamento do homem em relação ao meio ambiente e a forma de uso dos recursos naturais é a estratégia que a etnociência utiliza, através de uma análise holística do campo.

A etnociência contribui no estudo dos conhecimentos de comunidades sobre os processos naturais (DIEGUES, 2004), auxiliando o entendimento das suas percepções de passado e presente, a fim de identificar condições do ambiente em que se vive a partir da análise sociocultural, levando em consideração ainda que saberes e técnicas tradicionais complementam o conhecimento científico (POSEY, 1984).

Com a intensificação da interferência antrópica sobre a diversidade biológica, tornaram-se imprescindíveis os estudos multidisciplinares da qualidade ambiental. Contudo, para uma mensuração consistente dos impactos, os programas de monitoramento precisam incorporar às suas propostas uma avaliação social e cultural local, já que isto reflete em questões econômicas de utilização desse ambiente e do custo de sua degradação.

O sucesso de programas deste tipo reside no envolvimento da população humana através de ações de educação ambiental que levem em consideração as condições socioeconômicas, os saberes, fazeres e linguagens, as especificidades culturais e as prioridades e necessidades das comunidades envolvidas, a fim de contribuir com subsídios teóricos para o desenvolvimento de ações que potencialize assim o desenvolvimento de políticas participativas para gestão sustentável das questões socioambientais.

Para tanto, realizou-se como parte inicial do projeto e objetivo geral deste artigo uma análise acerca dos saberes locais dos moradores de Mangue Seco nos aspectos sociais e ambientais.

2 METODOLOGIA

Mangue Seco está situado no município de Jandaíra na Bahia. O rio Real integra o complexo estuarino Piauí, Fundo e Real e deságua no Oceano Atlântico entre a praia do Saco (município de Estância, Sergipe) e a praia de Mangue Seco. Os povoados situados às suas margens são habitados por pescadores que desempenham a pesca artesanal, porém a cultura do coco, os viveiros de aquicultura e o turismo são outras atividades econômicas desenvolvidas na localidade e têm contribuído para a sua descaracterização (SOUSA, 2011).

A pesquisa sobre os aspectos socioculturais e ambientais locais teve caráter qualitativo, com o envolvimento dos pesquisadores em situações cotidianas do uso de bens ambientais no contexto investigado, privilegiando duas estratégias metodológicas: entrevistas com membros da comunidade, com base em um roteiro semi-estruturado e observações participantes de práticas cotidianas que traduzem os etnoconhecimentos¹, visto que o conhecimento etnobiológico não pode ser construído sem as experiências acumuladas e troca de informações, e deve ser utilizado para preservar esse conjunto de experiências na comunidade (COSTA-NETO, 2000).

O roteiro foi caracterizado por ter questões que puderam ser reformuladas e complementadas durante o processo de coleta (BOGDAN; BILKLEN, 1994), havendo acréscimo e exclusão de questões durante e após as idas à campo. O trabalho de campo foi realizado por dois dias, divididos em quatro períodos de cinco horas cada. O roteiro foi semiestruturado pelo caráter da flexibilidade necessária a um estudo de caso que visa obtenção de dados caracterizados por um maior nível de profundidade (GIL, 2009). As entrevistas foram registradas com auxílio de microgravador e informações adicionais foram copiadas em caderno de campo. A anuência para participação da comunidade foi concedida através de Termo de

¹ Apesar de nosso trabalho ter um enfoque sobre os etnoconhecimentos ligados aos conhecimentos tradicionais, com conotação relacionada às questões ecoambientais, consideramos etnoconhecimento enquanto conhecimento produzido pelo *ethos* que implica em todas as formas de compreender as realidades de diferentes grupos sociais. Compreendemos, portanto, o etnoconhecimento através dos etnométodos, sendo estes as maneiras que todo ator social usa para compreender, intervir e viver as realidades (GARFINKEL, 1967).

Consentimento Livre e Esclarecido, visando garantir a confidencialidade, privacidade e proteção da imagem dos participantes do estudo, de modo que os moradores receberam neste artigo nomes fictícios.

Foram realizadas 10 entrevistas, sendo 4 homens e 6 mulheres com idades entre 23 a 74 anos, foi utilizada amostragem intencional não probabilística (CAULKINGS; HYATT, 1999; ALENCAR; GOMES, 1998) o que permitiu identificar os níveis de comunicação e interação entre as pessoas, de modo que cada morador entrevistado indicou outro morador que julgou ser um informante qualificado dos aspectos socioambientais e culturais da região e o uso de seus bens ambientais. Ou seja, cada morador entrevistado indicava outro nativo que julgava ter conhecimento acerca das temáticas abordadas.

O método, de fácil entendimento para os informantes, foi incorporado às entrevistas, sendo realizadas explicações minuciosas sobre cada questão para melhor compreensão. O roteiro foi importante para auxiliar na manifestação de pontos de vista dos moradores, seus saberes e opiniões, como é descrito por Alencar e Gomes (1998). Participaram das entrevistas moradores que, a partir de perguntas-filtro sobre conhecimentos acerca da relação com os bens naturais e suas possíveis alterações ao longo do tempo, além do uso da fauna e flora regionais e saberes relacionados a qualidade da água e destinação dos resíduos sólidos, identificamos que, de alguma forma, existe o contato com os recursos naturais disponíveis, em seu local de moradia.

Os informantes-chave, especialistas do local, são aquelas pessoas que têm conhecimento aprofundado sobre um aspecto da cultura que interessa particularmente à pesquisa em desenvolvimento (MARQUES, 1995).

A condução e interpretação foram respaldadas em vivências e observações espontâneas (GIL, 2009). As categorias foram construídas no processo de análise dos dados, buscando identificar elementos importantes dos saberes e práticas socioculturais locais. Esse tipo de análise está associada à abordagem qualitativa que utilizamos, principalmente pelo uso de técnicas etnográficas (BOGDAN;

BIKLEN, 2003; JACCOUD; MAYER, 2008), no que se refere à vivência nas comunidades e às entrevistas semiestruturadas.

A análise dos depoimentos foi realizada através da análise do discurso (ORLANDI, 2012) que visa a compreensão de como um objeto simbólico produz sentidos e está investido de significância para e por sujeitos. Essa análise permitiu identificar e categorizar o grau de consensos e dissensos, sendo que todas as informações foram levadas em consideração, tanto as mais aproximadas quanto as mais destoantes.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir das entrevistas realizadas as respostas foram organizadas em categorias para facilitar a discussão dos dados, entretanto estas estão intimamente interligadas, por conta de circunstâncias do contexto local, são elas: noção de pertencimento, ocupação e relação com os bens naturais locais; etnoconhecimento acerca da fauna e flora local; concepções sobre modificações ambientais locais, e qualidade da água e saneamento básico.

Houve um consenso entre os entrevistados quanto ao sentimento de pertencimento a Mangue Seco, demonstrando em suas falas prazer em ser morador nativo, ou em ter trocado a sua terra natal para viver no povoado. Senhora Tereza, 74 anos, disse: *“Adoro, amo de paixão. Há muito tempo que me considero daqui. Aqui tem isso: nativo e forasteiro. Eu sou forasteira. Mas de coração me sinto como sendo de Mangue Seco”* (Comerciante, moradora de Mangue Seco há 12 anos). A noção de pertencimento é fruto dos valores simbólicos para com o ambiente, associado às questões de identidade local. “O poder do laço territorial revela que o espaço está investido de valores não apenas materiais, mas também éticos, espirituais, simbólicos e afetivos.” (BONNEMAISON; CAMBRÉZY, 1996, p. 10).

As principais práticas econômicas da localidade são a pesca, o comércio de artesanato, o trabalho nas barracas de praia, restaurantes, hotelaria ou vendendo de forma autônoma nas areias, que de uma forma ou de outra acabam se atrelando ao turismo. Dessa maneira, a economia local está *“um pouco dividida entre pesca e*

turismo. A maioria hoje é turismo. A juventude vai pra turismo, os mais velhos continuam na pesca.” (Carlos, 40 anos. Comerciante, morador de Mangue Seco desde 1997).

Ademais, conforme Senhora Cláudia *“Aqui, o trabalho é como garçom, doméstica, recepcionista, vendendo na praia.”* Nascida e criada em Mangue Seco, a doméstica enfatiza acerca da diminuição da pesca no local: *“Pesca. Mas antes pescava mais. Quando tem muito turista a pesca caiu muito. Aqui mesmo são poucos pescadores. O mar tá avançando, só quem pesca é quem vai pro alto mar. Mas siri, camarão, ostra, sururu, aratu, caranguejo, hoje não tem mais isso como antigamente”*. Esta ideia é compartilhada pela pescadora Aparecida *“Camarão diminuiu muito, antes você ia e pegava 2 balde de camarão, hoje mais não. Macuinim, sururu tudo tinha mais, hoje não”*.

As mudanças relacionadas à disponibilidade de recursos faunísticos são percebidas pelos moradores. Porém, alguns moradores enfatizam a necessidade de outras modalidades de trabalho, conforme Senhor Denilson *“Enquanto de inverno a verão tiver turista e eu tiver trabalhando pra mim tá bom.”* Essas questões podem ser um ponto de partida para estudos de conservação ambiental, a partir da gestão compartilhada e educação ambiental, a partir da consideração do ambiente como um espaço físico e simbólico em disputa, habitado pelos atores que estão envolvidos no uso e na gestão dos recursos e atravessado pelas relações de força que configuram as diferentes situações de acesso ou inaccessos aos recursos (CARVALHO, 1995).

O presente estudo corrobora com o trabalho de Santos e Barbosa (2009), sendo que todos os entrevistados acreditam que a intensificação do turismo em Mangue Seco deve-se após a novela *Tieta*². O pescador Denilson, de 40 anos, morador de Mangue Seco há 3 anos menciona que *“o que sustenta aqui é o turista não é a comunidade daqui. Se o turista deixar de vim aqui Mangue Seco já era. Mangue*

² *Tieta* é uma telenovela brasileira produzida e exibida pela Rede Globo, na qual a atriz Betty Faria interpretou a protagonista *Tieta*. A abertura da novela misturava elementos da natureza com a beleza feminina, e tanto na abertura da novela quanto em algumas locações de filmagens, Mangue Seco foi o cenário escolhido pelos produtores.

Seco foi conhecida por que? Por causa da novela, quem antigamente ia saber quem era Mangue Seco se Tieta não fizesse a novela aqui?”.

O turismo traz consigo vantagens e desvantagens para a população local, como a Senhora Tereza, comerciante, 74 anos, exemplifica com a diferença entre turista e visitante: “[...] *Recebe muito visitante, o nome tá certo é visitante, não é turista. É visitante, porque quem chega de manhã e vai embora de tarde é visitante, turista é o que fica. É um negócio muito sério, porque fim de semana vem um monte de farofeiro e trás tudo: churrasqueira, bebida, trás tudo. O consumo aqui é pouco, né? Com relação ao pessoal que fica, por exemplo, no final do ano assim no mês de dezembro, janeiro, né? eu acho que é rentável sim, apesar que as coisas são muito caras porque pra nós é muito difícil porque aqui não tem nada tem que buscar fora, verdura, tudo tem que buscar fora, só as frutas que é do local, assim mesmo tem muita fruta que vem do outro lado, de Sergipe”.*

É possível perceber, com base nos depoimentos, que a maioria da população tem preocupação com a conservação ambiental, sendo que eles entendem que precisam utilizar os recursos naturais, porém de forma ordenada. A percepção ambiental dos moradores de Mangue Seco tem contribuído de maneira significativa, porém de forma silenciosa e lenta, para a reavaliação de valores e posturas que influenciam nos padrões de comportamento dos visitantes em ambientes naturais. Sobre a consciência ambiental dos visitantes, Senhor César, 25 anos, morador nascido em Mangue Seco diz que *“tem muitos que atrapalha, outros tem consciência e ajuda a gente também. Mas tem muitos que vem e deixa aquele lixo lá e vai-se embora. Aí é ruim pra gente. Depois tem que fazer uma coletiva pra limpar o lugar”.*

Uma atividade econômica constante no local é a utilização de buggy para deslocamento de turistas em visita às dunas do local. Os moradores relatam que a responsabilidade deve ser dos que visitam o local e que os trabalhadores deveriam mediar esse processo. *“Eu acho assim, como aqui tem bugueiro pra fazer passeio, eles deviam explicar melhor os turistas, deviam andar com uma sacolinha, porque a maioria... é só o bugre que faz o percurso todo. Muitos catam, outros não catam. Vocês viram um vaso de lixo? Uma cesta? A coleta passa todos os dias, mas não tem uma lata de lixo. Às vezes a gente tá na porta aí vem um turistinha e pergunta:*

‘posso jogar no seu lixo?’ aí a gente deixa, mas muitos jogam no chão mesmo.” (Cláudia, 39 anos, doméstica, moradora nascida em Mangue Seco).

Neste sentido, fica evidente que a solução para grande parte dos problemas ambientais não está somente na eficiente implantação de algumas leis restritivas (VECCHIATTI, 2004) e sim na negociação, a partir da vivência e da experiência das comunidades tradicionais, já que “a conservação da biodiversidade não pode ser equacionada com a opção do não uso dos recursos naturais” (VECCHIATTI, 2004, p. 93), até porque o uso faz parte da teia da vida, dentro da visão ecológica sistêmica, entendendo que o ser humano é só mais um nesta teia (CAPRA, 1996). Contudo, o uso racional e ético deve ser estimulado, permitindo assim, que esses recursos sejam utilizados também pelas próximas gerações, dentro das condições socioambientais locais.

Quando questionados sobre a disponibilidade de recursos florais, houve respostas diversas, no que se refere ao aumento/diminuição ao longo do tempo: *“Sabe qual é a disponibilidade? É erva cidreira, capim santo, tem uma coisa chamada boa noite branco que bota no álcool e é bom pra micose, mas ninguém sabe, ninguém se interessa. Aqui antigamente tinha cada pé de romã, no leilão era cada penca de romã, lindona deste tamanho. Araçá era muito, tá em extinção. Ali na duna tem um pé, ali na frente.”* (Tereza, 74 anos. Comerciante, moradora de Mangue Seco há 12 anos). Senhor Renato, bugueiro, disse que *“sempre tem planta no quintal pra fazer chá”*. Depoimentos como esses evidenciam a valorização do uso da fitoterapia, através de um grande consumo de chás para a cura e/ou amenização de patologias.

Além de se dedicar ao estudo da ação terapêutica de várias plantas utilizadas popularmente, a fitoterapia representa parte importante da cultura de um povo, sendo também parte de um saber utilizado e difundido pelas populações ao longo de várias gerações (TOMAZZONI *et al.*, 2006).

Alguns depoimentos, no entanto, evidenciam o uso de plantas de outros locais: *“A única coisa que utiliza aqui é o coqueiro que ajuda pra proteger das dunas e da maré. Outras coisas o pessoal compra feito. Pra alimentar compra tudo.”* (Cláudia, 39 anos, doméstica moradora nascida em Mangue Seco).

No que se refere às concepções sobre modificações ambientais locais identificamos que o recuo da margem do rio Real e o avanço das dunas, com a destruição de casas e coqueirais, são mencionados por todos os entrevistados deste estudo, corroborando mais uma vez com a pesquisa de Santos e Barbosa (2009). Alguns moradores apresentaram a percepção que as dunas estão se aproximando cada vez mais do vilarejo, mas não souberam justificar a invasão das dunas sobre a vila. Entretanto, a maioria dos moradores justificou a invasão das dunas por causa da ação dos ventos na região: *“É natural sempre houve deslocamento de dunas. [...] O mar não sai dali, mas as dunas vieram pra cá foram se chagando, os mais velhos é que contam eu não alcancei, vi não. O próprio vento vai deslocando. Aí o que aconteceu, as pessoas começaram a construir em locais errados aterrando os manguezais, é o que vem acontecendo. É natural, mas você vê que tá acelerado. Se você olhar as casas lá atrás as dunas estão bem no pé, e não era assim. As pessoas acham natural. Todo mundo sabe o que acontece.”* (Cláudia, 39 anos, doméstica moradora nascida em Mangue Seco).

A população parece entender as variações ambientais e que a dinâmica costeira é influenciada pelo mar e pelo vento, o que provoca o avanço do rio Real e das dunas sobre a vila, diminuindo sua área construída (SANTOS; BARBOSA, 2009). Esta movimentação preocupa a população local devido à redução da área urbana do povoado (SEMA, 2012), a qual já vem sendo comprometida pelo intenso processo erosivo ocasionado pelo rio Real.

O vilarejo não conta com água encanada e a população utiliza água de poço artesiano para suas atividades diárias: *“Tem uma fonte no meio da praça o pessoal também utiliza aquela água. A água dali quando a gente chegou aqui era limpíssima, todo mundo bebia água ali. Eu bebo água mineral. A água daqui é boa, é potável não tem problema nenhum, mas é muito rica em ferro. Quando lava roupa a gente vê.”* (Tereza, 74 anos. Comerciante, moradora de Mangue Seco há 12 anos). Devido aos riscos sanitários existentes em se ingerir água desse tipo de fonte, a água para beber ou cozinhar é comprada fora do vilarejo e, ainda assim, os moradores consideram a qualidade da água aceitável.

Quanto ao recolhimento e tratamento dos resíduos sólidos, os moradores foram unânimes e informaram que a coleta é feita com regularidade e levada para outra localidade, mas não souberam informar qual o destino correto dos resíduos: *“O trator colhe, mas não sei pra onde leva não. Quando a gente joga eles separam o lixo, lata, não sei o que eles vão separando. Fica 2, 3 embaixo e um rapaz em cima aí joga e eles ficam separando. Eles tem um saco que ficam pendurado separando as latinhas. Deve ser pra eles mesmo.”* (Aparecida, 30 anos. Pescadora, moradora nascida em Mangue Seco).

Dessa maneira, observamos que os principais conflitos ambientais da região são a ocupação desordenada e sobre-exploração pesqueira ocasionadas pela expansão demográfica; o tráfego de veículos sobre as dunas; a destruição das restingas e das matas para a implantação de monoculturas; a contaminação do lençol freático por esgoto doméstico; e a destinação inadequada de lixo. Além disso, a gestão ambiental em parceria com comunidades tradicionais é necessária, pois “o conhecimento acumulado pelas populações locais constitui uma poderosa ferramenta da qual desenvolvimentistas e conservacionistas podem se valer no planejamento e manutenção dessas áreas” (ALBUQUERQUE; ANDRADE, 2002, p. 2).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados analisados neste estudo evidenciam que a comunidade de Mangue Seco apresenta sentimento de pertencimento, sendo esta noção compartilhada por nativos e moradores vindos de outras localidades. Assim, seria importante desenvolver ações que favoreçam o conhecimento da história de ocupação do território, a fim de ampliar esta noção de pertencimento e situá-los a agir de forma propositiva em sua comunidade. Ficou claro também que a economia local está baseada principalmente na pesca e turismo e que as mudanças relacionadas à disponibilidade de recursos faunísticos são percebidas pelos moradores, mas estes alertam que não podem parar de pescar, já que estas atividades são importantes para a sobrevivência da comunidade. Assim, os moradores reconhecem o turismo como atividade necessária para a economia, mas desvantajosa do ponto de vista ambiental, já que, segundo os mesmos, os visitantes não zelum pela comunidade.

Esta questão pode ser um ponto de partida para atividades de educação ambiental e gestão compartilhada na localidade. Assim, recomendamos que os dados desta pesquisa sejam utilizados para o desenvolvimento de programas ambientais de integração com os moradores da comunidade de Mangue Seco, a fim de construir uma dinâmica sustentável a partir de saberes e práticas locais.

5 AGRADECIMENTOS

Somos gratas à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB)- Termo de Outorga Nº 1358/2012 -pelos recursos disponibilizados à realização do estudo e principalmente aos moradores de Mangue Seco que foram tão receptivos às entrevistas.

6 REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, U. P.; ANDRADE, L. H. C. Conhecimento botânico tradicional e conservação em uma área de caatinga no estado de Pernambuco, Nordeste do Brasil. **Acta Bot. Bras.** vol.16, n.3, 2002.

ALENCAR, E.; GOMES, M. A. O. **Metodologia de pesquisa social e diagnóstico rápido participativo**. Lavras: UFLA/ FAEPE.1998.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação**. Porto: Editora Porto. 1994.

_____. **Qualitative research for education: An introduction to theory and methods**. 4. Ed. Boston: Allyn and Bacon, Inc. 2003.

BONNEMAISON, J. CAMBREZY. Le lien entre frontières et identités. **Géographie et Cultures**, n. 20, p. 6-15, 1996.

CAPRA, F. **A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos**. São Paulo: Cultrix, 1996.

CARVALHO, I.C.M. Movimentos sociais e políticas de meio ambiente. A educação ambiental aonde fica ? In: SORRENTINO, M.; TRAJBER, R.; BRAGA, T. (orgs.). **Cadernos do III Fórum de educação ambiental**. São Paulo: Gaia, p. 58-62, 1995.

CAULKINS, D.; HYATT, S. B. **Using consensus analysis to measure cultural diversity in organizations and social movements**. *Field Methods*, v. 11, n. 1, p. 5-26, 1999.

COSTA-NETO, E.M. Conhecimento e usos tradicionais de recursos faunísticos por uma comunidade afro-brasileira. Resultados Preliminares. **Interciência**, n. 9, v. 25, p. 423-431, 2000.

DIEGUES, A. C. S. **O mito moderno da natureza intocada**. 5. ed. São Paulo: Hucitec. 2004.

GARFINKEL, H. **Studies in ethnomethodology**. New Jersey: Prentice Hall. 1967.

GIL, A. C. **Estudo de caso**. São Paulo: Atlas. 2009.

JACCOUD, M.; MAYER, R. A observação direta e a pesquisa qualitativa. In: POUPART, J. *et al.* (Org.). **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes. p. 254-294. 2008.

LIMA, P.C.; LIMA, R.C.F.R. APA do Litoral Norte da Bahia (Mangue Seco). In: VALENTE, R. *et al.* (Orgs). **Conservação de aves migratórias neárticas no Brasil**. Belém: Conservação Internacional, P. 181-185, 2011. Disponível em: <http://www.conservacao.org/publicacoes/aves_migratorias.php>. Acesso em: 07 jun. 2012.

MARQUES, J. G. W. **Pescando pescadores: Etnoecologia abrangente no Baixo São Francisco Alagoano**. São Paulo: NUPAUB. 1995.

ORLANDI, E. P. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. 10. ed. Campinas: Pontes Editores. 2012.

PAIVA, A. de S. Conhecimentos dos moradores da Ilha de Maré acerca dos recursos naturais numa abordagem histórica. **Revista Virtual Candombá**, Salvador, v. 5, n. 2, p. 98-114, 2009. Disponível em: <[http://revistas.unijorge.edu.br/candomba/2009-v5n2/pdfs/Ayane desouzapaiva2009v5n2.pdf](http://revistas.unijorge.edu.br/candomba/2009-v5n2/pdfs/Ayane%20desouzapaiva2009v5n2.pdf)>. Acesso em: 20 out. 2011.

PAIVA, A. de S. **Etnoecologia dos recursos florestais de Praia Grande, Ilha de Maré, Salvador-BA como subsídio para o manejo sustentável**. 2010. 70 f. Monografia (Graduação em Ciências Biológicas) - Centro Universitário Jorge Amado, Salvador.

POSEY, P.A. Os Kayapó e a natureza. **Ciência Hoje**, n. 2, v. 12, p. 35-41, 1984.
SANTOS, S. C.; BARBOSA, L. M. **Erosão costeira e a percepção da população de Mangue Seco, BA**. In: XII Congresso da Associação Brasileira de Estudos do Quaternário - ABEQUA; IV Congreso Argentino de Cuaternário Y Geomorfología; II Reunión sobre el Cuaternário de América del Sur, La Plata, Argentina; IV Congreso Argentino de Cuaternário Y Geomorfología; II Reunión sobre el Cuaternário de América del Sur, La Plata, Argentina, 21 a 23 de setembro de 2009. Resúmenes. p. 297 - 306. 2009.

SEMA, Secretaria do Meio Ambiente - Governo do Estado da Bahia. **APA Mangue Seco**. 2012. Disponível em: <<http://www.meioambiente.ba.gov.br/conteudo.aspx?s=APAMANGU&p=APAAPA>> Acesso em: 07 jun.

SOUSA, M.C. Complexo do Estuário dos Rios Piauí, Fundo e Real. In: VALENTE. R. et al. (Orgs). **Conservação de aves migratórias neárticas no Brasil**. Belém: Conservação Internacional, P. 171-174, 2011. Disponível em: <http://www.conservacao.org/publicacoes/aves_migratorias.php>. Acesso em: 07 jun. 2012.

TOMAZZONI, M. I.; NEGRELLE, R.R. B.; CENTA, M. de L. **Fitoterapia popular: a busca instrumental enquanto prática terapeuta**. Texto Contexto - Enferm., Florianópolis, v. 15, n. 1, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104072006000100014&lng=en&nrm=iso> Acesso: 27 abr. 2009.

VECCHIATTI, K. **Três fases rumo ao desenvolvimento sustentável do reducionismo à valorização da cultura**. São Paulo em Perspectiva, 18(3): 90 – 95, 2004.